

COMO KLAUS KROTT SE TORNOU DONO DE UMA ESTÂNCIA.

Uma história da campanha gaúcha

Alfred Reitz*

Quando o agrimensor Klaus Krott chegou ao seu acampamento, lá pelas duas da tarde, aguardava-o uma surpresa desagradável. Em torno do fogo onde trabalhava o cozinheiro, três desconhecidos matavam o tempo tomando chimarrão. Krott só conhecia um deles, um homem musculoso, que trazia dois Smith-Wesson calibre 44 na cintura. Era o subdelegado de Mundo Novo, temido pela ralé da região devido às atitudes enérgicas. O mulato, que mexia constantemente e de forma ostensiva na sua Winchester, Krott também já tinha visto. Inteiramente desconhecido, no entanto, era um jovem espigado, de rosto inexpressivo que as muitas marcas de varíola não tornavam mais atraente.

Mesmo quando executa uma incumbência oficial, o brasileiro nunca age de forma intempestiva. Somente depois de cuja ter rodado mais algumas vezes e do mate já estar bastante diluído, o subdelegado falou do motivo de sua presença. O acompanhante de rosto marcado pela varíola, assumindo uma pose de autoridade, apresentou-se como oficial de justiça, encarregado de entregar a Krott uma intimação provisória emitida pelo juiz da comarca. Inquieto, Krott segurou o papel nas mãos. Não se lembrava de nenhum ato que pudesse resultar em alguma ação por parte da justiça. Entretanto, seu conhecimento da língua portuguesa era suficiente para entender o conteúdo do documento. A intimação do juiz dizia que deveria interromper de imediato a medição das terras, sob pena de represálias violentas. Krott era de opinião, que o escrito estava endereçado à pessoa errada. Responsável seria a Empresa Colonizadora Mundo Novo, em nome da qual procedia à marcação das terras. O oficial de justiça recusou-se a receber de volta a intimação; ao contrário, colocou no nariz de Krott um papel em que este, com sua assinatura, deveria reconhecer ter recebido o documento. Querendo ou não, nada mais restou a Krott do que colocar seu nome em baixo do texto escrito. E, agora, ele também ficara a par do que havia ocorrido. A Empresa Colonizadora Novo Mundo não passava de um embuste, organizado por alguns “grileiros” muito astuciosos. Por “grileiros” o brasileiro designa pessoas que sabem apoderar-se de largas extensões de gleba não habitadas, por meio de concessões de terra vencidas, ou títulos patrimoniais falsos. A necessária colaboração de órgãos oficiais como tabeliões e escreventes é frequentemente obtida por meio de suborno. Algumas vezes, passam-se anos até que a vigarice seja descoberta. Os prejudicados são sempre os compradores das terras. No mínimo, perdem seu dinheiro. O embuste torna-se mais grave quando chegam a se estabelecer na propriedade, investem dinheiro na construção de uma casa, em cercas e no cultivo da terra. Na melhor das hipóteses, podem comprar a propriedade novamente, a um preço elevado; senão é abandonar tudo, sair apenas com os bens móveis. Muitos já passaram por isto.

Desta vez, porém, a vigarice logo foi descoberta. Os grileiros tinham levado a audácia a tal ponto que puseram “suas” terras à venda nos jornais. Foi assim que o legítimo

* Tradução de Karola Zimber e Celeste H. M. Ribeiro de Sousa. Reitz, Alfred - *Wie Klaus Krott zu seiner Stanz kam. Erzählung aus der Campanha*. In: *Kalender für die Deutschen in Brasilien* (Rotermund Kalender), São Leopoldo, Rotermund, 1939, p. 89-102.

proprietário descobrira a coisa. Medidas tomadas de imediato resultaram na intimação judicial. Como narrou o oficial de justiça, por três vezes, os quatro sócios da empresa não tinham atendido à solicitação do tribunal para comparecerem e provarem seus direitos sobre a terra; ao contrário tinham desaparecido sem deixar rastro. As pessoas que já haviam comprado colônias e já tinham pago pelas mesmas, arcariam naturalmente com o prejuízo.

“E eu,” exclamou Krott, “não recebi ainda nem um tostão pelo meu trabalho. E já devo ao meu pessoal o salário de três semanas. E também ao dono da venda pelos alimentos fornecidos...”

O subdelegado bateu no ombro de Krott, consolando-o. Fazer o quê, talvez pudesse arranjar-lhe outro trabalho. Quando levantasse o acampamento poderiam conversar. Klaus sabia onde ele morava.

Esse foi, portanto, o fim de seu primeiro trabalho independente. Tinha caído nas mãos de vigaristas, que lhe haviam roubado o pagamento de mais de meio ano de trabalho. Com uma praga, que havia ouvido do dono do boteco da vila, Kroll jogou a planilha de desenho no canto da cabana de bambu. De que lhe serviria agora o plano cuidadosamente traçado onde estavam registradas conscienciosamente já 400 colônias, com todos os córregos demarcados? Com quanta esperança tinha começado essa medição! O resultado deveria ser a base de uma existência segura. Em algum lugar iria comprar um pedaço de terra, criar gado; era este o sonho que o tinha trazido ao Brasil. Sonhar é fácil; transformar sonhos em realidade, com uma varinha mágica, carregar o sonho para a realidade, isso só os deuses podem. Para os seres humanos o suor vem antes do prêmio. E este lhe tinha sido roubado. Sem ânimo, Krott sentou-se no tronco de árvore que servia de banco.

Quanta coisa havia se passado desde o dia em que tinha decidido imigrar para o Brasil e hoje! Ele, o ex- voluntário de guerra, que não tinha nenhuma formação profissional que lhe permitisse ganhar o pão. Devia ao fato de ter sido admitido como cozinheiro num grupo de agrimensores poder, hoje, trabalhar como profissional independente. Aprendera a usar os instrumentos, trabalhara como auxiliar de agrimensor. A matemática, seu forte na escola, e seu talento como desenhista logo fizeram com que pudesse substituir o agrimensor. A fim de adquirir um equipamento geodésico próprio economizara cada tostão, não fumava, não se permitia sequer uma garrafa do barato vinho regional. Finalmente estava preparado e, bem a propósito, chegara a incumbência de demarcar as terras de Novo Mundo. Dois mil lotes e em condições excelentes.

“E agora, patrão,” perguntou o carregador das fitas metálicas quando Krott se reuniu aos seus trabalhadores, que comiam feijão preto com carne seca. O cozinheiro já havia transmitido a novidade.

“Sim, e agora?” Krott recusou o prato oferecido pelo cozinheiro. “Fim da medição. Ainda devo a vocês três semanas de salário. Podem matar-me, mas não posso pagar. Não recebi nenhum mil-réis pelo meu trabalho.”

“Vamos até os „grileiros“ e quebramos-lhes os ossos?”

O carregador das fitas metálicas cuspiu nas mãos enormes, às quais se poderia confiar a execução da tarefa.

“Eles já estão longe, aparteou o cozinheiro. Não adianta preocupar-se. Ainda escapamos de boa. O salário temos que esquecer. É isso o que logo vai falar o pessoal que já pagou três contos pela colônia... E o patrão, que não ganhou um mil-réis...”

O carregador das fitas metálicas riu ironicamente, mas abaixou-se rápido, quando sentiu a mão do cozinheiro perigosamente próxima do nariz.

“Não sorria tão estupidamente, seu espantalho torto. Você não se lembra mais como chegou aqui? O patrão precisou comprar-lhe umas calças e uma camisa para que você pudesse mostrar-se diante de gente decente. Sempre fui buscar o salário no escritório. Nunca recebi um tostão a mais do que o salário. Eu esperava durante horas. Acredito que eles emprestavam o dinheiro, aqueles malandros desgraçados.”

No dia seguinte, o cozinheiro cortou o pescoço de todas as galinhas restantes. Quando os trabalhadores retornaram da selva com seus instrumentos encontraram uma frugal refeição de despedida. Duas horas depois, a firma de agrimensura de Klaus Krott dispersou-se em todas as direções da rosa dos ventos.

Klaus Krott ainda não dera o jogo por encerrado. Procurou o homem que, com sua queixa, havia provado ser o dono legal da concessão. Krott poderia ter poupado seu tempo e o custo da viagem. O homem recusara-se a aceitar a medição mesmo por um preço muito baixo. Ele achava que ainda não era tempo de colonizar terras tão distantes. Até chegar a época apropriada, os marcos já teriam apodrecido, as picadas já estariam cobertas de mato. Devido à existência de muitas sociedades colonizadoras havia um excesso de oferta de terras.

A situação de Krott tornava-se cada vez mais difícil. É preciso sorte para conseguir medições. O dono do hotel só lhe dava crédito devido à posse dos instrumentos geodésicos. Mas, se a situação se prolongasse, ele teria que vender os instrumentos, provavelmente, por um valor muito abaixo do real. Sentiu um aperto na garganta. Tudo menos isso. Era a prova ostensiva de esperanças perdidas. No início, o começo difícil não lhe pareceu tão pesado. Tinha que ser. Firmar o pé, tinha sido seu pensamento constante e, depois, ver como continuar. Vencer de modo honesto. Não era vergonhoso começar de baixo. Ele tinha tomado pé no novo país. Tinha vencido as primeiras dificuldades, falava a língua local e estava ligado aos seus habitantes por um sentimento de solidariedade, que se tornava mais forte a cada ano. Como tudo teria corrido bem, se não tivesse caído na mão desses „grileiros“...

Hoje à tarde, durante o almoço, o dono da pensão fizera um comentário, de modo absolutamente casual. A fábrica de açúcar havia aberto campanha e estava admitindo trabalhadores. Klaus não podia livrar-se da sensação de que o comentário se destinava a seu endereço. Ser admitido na fábrica de açúcar, passar o dia descarregando cana, ou ficar junto à máquina de cortar, a roupa encharcada de suco... Se não houvesse outra saída. De repente, lembrou-se das palavras do subdelegado, que aventara talvez lhe poder conseguir outra medição. A luz de uma nova esperança. Na agitação em que se achava ultimamente, as palavras haviam sumido completamente de sua memória.

Estava Salvador Leite Vieira justamente prendendo um rapaz moreno na cela gradeada, situada no térreo da construção. Um ladrão de cavalos. Seus perseguidores, com montarias melhores do que ele, haviam-no alcançado. Antes de ser entregue ao subdelegado, fora surrado com vontade. O subdelegado apenas o prenderia e faria com que trabalhasse por alguns dias na estrada. A própria vítima não estava interessada em um processo. Isso só traria muita amolação e perda de tempo.

“Um momento, preciso primeiro cuidar dele,” disse Salvador, respondendo à saudação de Krott. O rapaz desapareceu atrás da porta revestida de ferro e Salvador empurrou o ferrolho.

“Amanhã, meu jovem, você se ocupará de forma útil com uma pá e uma picareta.” Virou-se para Klaus.

“Ele vem mesmo a calhar. Existe um grande número de buracos na rua. Faz tempo que eu não recebia ninguém na cadeia. Mas este fica até a rua ficar em ordem.”

Com um gesto de mão convidou Klaus para entrar no escritório. Salvador valorizava os bons modos. Após um bater de palmas apareceu uma menina mulata com uma bandeja e dois copos. “Caninha velha”, disse Salvador, convidando seu hóspede a beber. Klaus que, em geral, tinha aversão à aguardente de sabor forte, teve de confessar que essa lhe lembrava rum envelhecido.

Só depois da cuia de chimarrão ter circulado algumas vezes, Klaus formulou seu pedido. Salvador olhou à sua frente, pensativo. Então fora isso que levava Klaus até ele. Recordou-se de ter falado do assunto. Mas não se tratava de uma medição para um projeto de colonização, ao contrário, tratava-se de algo bem complicado. Salvador tinha em comum com os caboclos o contar tudo de forma complexa e começar cada narração, por assim dizer, a partir da criação do mundo e do primeiro pecado. Para um europeu isto é um tormento, só quando a “paciência” desta gente - que, no fundo, é uma característica digna de admiração - o tiver contagiado, ele se acostumará a isto. Assim, Krott ficou sabendo que Salvador era casado com uma Monteiro. Uma família hoje ramificada até o Uruguai, cujos tataravôs tinham imigrado há mais de cem anos dos Açores. Ainda assim, constituíam somente cerca de trinta famílias. Muitos jovens haviam tombado na guerra assassina do Paraguai. Os Monteiro sozinhos haviam fornecido um grupo montado, e só três tinham voltado. Tinham pago à pátria um tributo de sangue que não poderia ser maior. Enquanto o sogro vivera, tudo entre os Monteiro tinha sido tratado de acordo com os velhos usos e costumes. Os tempos árdus tinham conduzido à posse comum da terra, dos rebanhos e do dinheiro, a uma espécie de comunismo de clã. O mais velho era sempre o chefe da família. Mas, desde que seu sogro havia falecido, fazia dois anos, só havia discussões e brigas. Seu cunhado Luiz não possuía a energia do velho Chico, que havia dirigido as famílias com pulso de ferro, não admitindo contradições. Há cerca de meio ano, ele havia estado lá e acompanhado a situação. Os rebanhos haviam sido divididos, não existia mais a caixa comum, cada família trabalhava para si. Mas o pior problema era o pasto, onde cada família queria o melhor pedaço. E, no entanto, a terra nunca tinha sido medida. Nenhuma das famílias podia provar que tinha direito às terras que cobiçava para si. Existiam, de fato, títulos de concessão sobre 10 milhas quadradas de terra, também reconhecidos pelo governo, mas entre os irmãos as condições de proprietários estavam no ar. A única forma de pôr fim a esta confusão era medir e dividir a terra entre as famílias. Se continuasse assim, um dia, teriam sangue derramado, algumas vezes, já haviam chegado perto disso.

Mas, agora, vinha o problema ... A partilha judicial, os impostos de transmissão “por causa mortis” custariam tanto às famílias, que não sobraria dinheiro para a medição. Seu cunhado Luiz havia tido, então, a idéia de pagar o agrimensor com terras. Em outros casos isso já tinha sido feito. Não era de desprezar que um agrimensor também quisesse adquirir uma propriedade rural. Assim, chegar-se-ia à solução de forma fácil e barata. Ele, Salvador, havia prometido a seus familiares procurar um agrimensor. Seus olhos escuros olhavam interrogativamente para o rosto do hóspede.

“O que você acha do negócio?”

“Quanta terra eu receberia pela medição?”

“Falou-se em uma légua quadrada. Mas há a condição de que a partilha seja feita de tal forma, que todos fiquem satisfeitos. Nada fácil, vai dar muita dor de cabeça. E mais uma coisa, suas terras devem ficar junto a um dos lotes externos.”

“Entendo, nada tenho a objetar quanto a isso. Uma légua quadrada.”

Krott tirou o caderno de anotações do bolso. Aí estava. Uma antiga medida brasileira. Uma sesmaria de campos 12.698 hectares. Uma légua quadrada 4.356 hectares. É o que deveria receber pela medição. Talvez a terra não valesse nada. Areia sobre a qual não

creceria uma folha de capim. Se os Monteiro estavam dispostos a dar tanta terra por um trabalho que, dificilmente, levaria meio ano para ser executado, era porque a história certamente tinha alguma encrenca.

Pensativo, Krott murmurou “uma légua de terra da campanha”.

Salvador pareceu adivinhar o pensamento de Krott.

“É terra boa, preta. Com certeza, existem trechos ruins, mas isto se compensa. Em média, um hectare alimenta uma vaca ou mula. Um cavalo necessita mais porque escolhe o alimento.”

“Combinado... Aceito a medição.”

Salvador estendeu-lhe a destra.

“Combinado. Trate das coisas lá em baixo. Você vai ter amigos para o resto da vida. É claro que até o fim da medição você tem tudo, moradia, alimentação, montarias, trabalhadores, enfim, o que for necessário. Também tabaco e um gole de vez em quando.”

Que mais poderia o desempregado Klaus Krott esperar?

Com um título, Krott assegurou ao dono do hotel o pagamento da dívida, afinal pequena. A assinatura do subdelegado deu ao título valor jurídico. Com isso, Krott liberou a mula de carga de que necessitava para transportar os instrumentos e seus demais pertences. Estes cabiam confortavelmente nos dois alforjes.

Na madrugada do dia combinado, Krott compareceu diante da casa de Salvador. Este estava preparando o burro para uma grande viagem. Um acontecimento que mantinha toda a família de prontidão. Cada peça tinha que ser levada até ele e colocada em sua mão. Três cobertores pesados foram postos sobre a sela, por cima o cobertor de couro macio de veado. Submeteu os alforjes a um exame rigoroso para ver se sua cara metade não havia esquecido nada. O frango assado cortado em bocados apropriados, envoltos em farinha de mandioca recebeu sua aprovação. Alguns pedaços de rapadura, erva mate, uma chaleira, a cuia e a bomba, garantiram que o chimarrão do costume também não faltaria durante a viagem. Então, a mala com a capa, o laço enrolado corretamente e, finalmente, a caneca de chifre, presa a um pedaço de couro, de modo a que pudesse enchê-la sem descer da montaria. A mula de carga foi entregue ao empregado. A viagem para Cochila de Sant’Anna teve início.

No segundo dia de viagem, a paisagem modificou-se. Krott havia conhecido até agora só a floresta e a região das colônias. Seu caminho ainda não o havia levado à campanha, à zona dos campos. A selva tornava-se mais rala, interrompida por gramíneas maiores ou menores. A paisagem assumia mais e mais o caráter de savana e, com ela, sobrevinha a monotonia. A diversidade da colônia, com as casas dos colonos entre as plantações de laranjeiras, com os poteiros cercados de arame farpado, habitados por gado manso e bem tratado, plantações de milho e mandioca, foi substituída por terras de pastagem, que se estendiam ao infinito, alternando-se com cadeias de montanhas, as cochilhas, que se elevavam com suavidade. Nessa imensidão sem fim, somem as casas sóbrias de pedra, quase sempre à beira de um riacho, uma mancha branca no cinza esverdeado. Figueiras de galhos largos abraçam as casas como gigantes protetores.

Quanto mais para o sul, mais o terreno fazia jus a suas características, também visíveis em seus moradores. O homem do campo e sua montaria formam uma unidade quase inseparável. Ele pode possuir não mais que um magro pedaço de terra, um rancho caindo aos pedaços, mas sempre é visto numa montaria ricamente ornamentada. Raramente um carro se perde na campanha. Carroças de duas rodas, os carretões, puxados por quatro pares de bois, fazem o transporte de cargas. Carne seca, peles curtidas ou salgadas são a riqueza da campanha. As rodas dos carros são discos rudimentares da espessura de uma mão, o eixo é de madeira e a viagem é sempre

acompanhada de um chiado. O progresso é lento, mas em compensação os bois superam obstáculos, onde um automóvel fracassaria mesmo diante do menor deles. Algumas vezes, os cavaleiros que acompanham o carro passam à frente e agitam as varas providas de anéis para acelerar o passo dos bois. Mas os bois não deixam que se perturbe seu passo tranqüilo; sacodem aborrecidos os chifres gigantescos, quando a vara, de forma menos delicada, lhes toca os pescoços.

Quando o sol da tarde desce sobre a campanha, o ar cintila. Nenhum som perturba o silêncio, tudo parece morto. Só alguns pontos negros cruzam o céu de um azul profundo, urubus, que descobriram um animal caído, e voam em círculos na sua direção. Rebanhos de cavalos e de gado semelham pontos, procurando proteger-se do sol ardente debaixo das poucas árvores.

Na tarde do quarto dia de viagem, o subdelegado apontou para uma construção espaçosa que se erguia num morro baixo. Estava cercada por um muro de pedras brutas, formando um amplo círculo.

A construção parecia estar logo ali à mão, mas ainda se passou uma meia hora antes que a alcançassem. Krott estava quebrado, não estava acostumado a cavalgadas tão longas. Desceu com dificuldade da montaria. Um bando de crianças se aproximou deles, mas parou a uma distância respeitosa. Um homem em torno dos cinquenta veio ao seu encontro. Houve o abraço costumeiro e Krott ouviu as palavras: “Minha casa está à sua disposição.” A recepção discreta, mas de gestos expressivos, traduzia a generosidade do homem da campanha.

Salvador Leite e Krott foram levados a um quarto para livrar-se da poeira da viagem. Luiz Monteiro despediu-se com o convite para um chimarrão, logo mais, embaixo da figueira. Ao se encontraram debaixo da árvore, parecia que toda a família estava presente. Os olhos do subdelegado percorreram o bando de crianças, no qual predominavam as meninas.

“E sua mulher, Luiz? Ela está doente?”

“Já vem, deitou-se um pouco. Está com dor de cabeça.”

“Conheço a minha velha. Se não falta outra coisa, tem sempre dor de cabeça.”

O sangue açoriano parecia ter-se conservado inteiramente puro nos Monteiro. Entre os presentes, aqueles, que podiam ser considerados adultos, apresentavam uma estatura equilibrada, a pele levemente tostada do habitante do sul, olhos escuros e cabelos negros e lisos. Todos exibiam um traço familiar: sobrancelhas espessas, quase unidas, sobre o nariz aquilino. Destacavam-se vivamente contra o cabelo já muito embranquecido da senhora mais idosa que acabara de chegar.

“Por favor,” ouviu Krott uma voz atrás de si. Uma mão fina e branca estendia-lhe uma cuia de chimarrão. Surpreso, Krott virou-se. Um par de olhos azuis abaixou-se imediatamente diante do seu olhar. Uma abundância de cabelo loiro encaracolado emoldurava um rosto gracioso de menina, cuja pele branca, apesar de bronzeada pelo sol, se destacava nitidamente da pele mais morena dos Monteiro. Como essa menina havia chegado aqui?

Salvador Leite sorriu divertido. O rosto de Krott só demonstrava surpresa.

“Inês é uma patrícia sua, doutor. Uma alemoa e irmã de leite da minha mulher. Ela manda muitas lembranças, Inês. Quando é que você vai visitá-la?”

“Você vai ter que me levar. Não posso fazer a viagem sozinha.”

Antes mesmo de Salvador poder responder, a menina saíra, quase fugindo. Krott ficou a olhá-la até desaparecer na casa. Quando se virou, viu que o rosto de Luiz Monteiro tinha endurecido e adquirido um ar de censura. Krott sentiu de imediato que se havia comportado de maneira inconveniente.

“Desculpe,” murmurou acanhado.

“Não há nada para se desculpar, doutor.” O subdelegado achou adequado chamar Krott de doutor, pois esperava elevar assim seu conceito junto à família.

“Comigo aconteceu a mesma coisa. Logo perguntei: que pássaro estranho botou esse ovo colorido no ninho de vocês. Lembras-te como o pai me descompôs. Não devia falar dessa forma irresponsável sobre uma órfã.”

Luiz acenou concordando. Nesses assuntos seu pai não admitia gracejos.

Como Salvador contou a Krott, não existia nenhum mistério em torno de Inês. Há cerca de 20 anos um habilidoso comerciante teuto-brasileiro das velhas colônias, tinha imaginado que a terra preta da campanha se prestaria ao cultivo do trigo. Uma plantação experimental lhe deu razão. Combinaram com o velho Chico assentar em uma sesmaria colonos das antigas colônias criadas em torno de São Leopoldo. Depois de um ano e meio, ele apareceu com treze famílias, entre elas, um jovem casal recentemente vindo da Alemanha. Seu relato sobre as vantagens do assentamento na campanha, em relação ao assentamento na selva, tinha levado à sua adesão. Entretanto, já após um ano e meio, todas as famílias, à exceção dos alemães, tinha retornado. Não se haviam acostumado à vida na campanha. Na selva, o iniciante recebe tudo o que necessita para começar: o primeiro rancho de taquara, a casa de tábuas rústicas que, uma vez construída a serraria, é substituída por uma de tábuas aparelhadas; ou o marido e a mulher preparam, eles mesmos, as tábuas com o serrote e o machado. Para o fogão, não falta lenha. Na campanha, ao contrário, só existem arbustos que precisam ser arduamente coletados. Além disso, existe a lei não escrita da campanha que permite ao gado andar livremente, obrigando as plantações a serem cercadas. Na colônia, é o oposto. Onde haveriam as pessoas de arranjar o dinheiro para o arame farpado e os postes caros, trazidos de longe. Nem agüentariam com o pagamento das terras, se não quisessem ficar desprovidas de tudo. E os rebanhos logo percebiam onde havia milho e trigo novo para comer. De que adiantava todo cuidado, tocar os animais. Eles sempre retornavam, e, em uma noite, um rebanho de cem animais acaba com qualquer plantação, por maior que seja. Por isso, os colonos abandonaram os assentamentos da campanha. Só um resistiu, o alemão. Beckmann era o único que tinha pago por sua terra de 272 hectares. Mas, um dia, caiu do cavalo e quebrou o pescoço. Logo depois, a mulher deu à luz uma menina e morreu. A mulher de Chico, que também havia pouco tinha dado à luz uma menina, colocou o bebê sem pai e mãe ao peito. Foi assim que a mulher de Salvador e Inês Beckmann se tornaram irmãs de leite. A pequena Inês fora criada junto com as outras crianças e como uma filha da casa.

“Não se esqueçam que essa terra não deve ser incluída na medição. O pai mencionou muitas vezes que essa terra é de Inês, o pai dela havia pago o valor ao nosso pai.”

“Boa lembrança. A herança de uma órfã é sagrada.”

Durante o jantar, que fizeram separados do resto da família, a conversa dos homens girou em torno da medição. No domingo seguinte, deveriam ser convidados todos os chefes de família e o tabelião. Depois de tudo esclarecido, deveria ser assinado o acordo com o agrimensor. Era tempo, mais do que tempo, para acertar as coisas. Se continuassem como estavam, as coisas terminariam em anarquia total. Há três semanas, quase havia acontecido uma verdadeira guerra entre a família do Maneco e a família do José. Maneco havia tocado seu rebanho para um local da campanha que José considerava seu. José tocou o gado de volta. Então, Maneco armou-se e, junto com seus seis filhos, ocupou o campo e ameaçou matar quem quisesse tocar o gado de volta. José, por sua vez, também armou seus filhos e, somente, a intervenção de Luiz e de outros impediu que espingardas e revólveres disparassem. Mas, se a situação perdurasse por mais tempo, um dia haveria mortos, e isso entre parentes. Um presente do céu, Salvador ter achado um agrimensor.

Era um bando numeroso de homens o que se juntou embaixo da figueira nesse domingo. Estavam presentes todos os chefes de família dos Monteiro, alguns acompanhados dos filhos mais velhos. Por todo o canto, presas, encontravam-se montarias ricamente ornamentadas. Os homens usavam poncho aberto para que os revólveres e as facas com o punho ricamente entalhado fossem vistos. Depois que o churrasco saciara a fome dos hóspedes, numerosas cuias de mate começaram a circular. As meninas estavam sempre ocupadas em encher as chaleiras com água quente. Uma mesa e três cadeiras foram colocadas sob a figueira. O tabelião, Salvador Leite e Krott sentaram-se à mesa. Todos se aproximaram. Reinava um silêncio cheio de expectativa, quando o subdelegado se levantou e explicou o motivo da reunião. Ele tinha passado a manhã toda preparando-se para o discurso. Quando não teve mais argumentos a apresentar, recorreu à ajuda da autoridade que representava. Não foi uma obra de Cícero, mas correspondeu ao que se propunha. Como a caixa comum não existia mais e o gado já tinha sido repartido, também a propriedade comum da terra não podia continuar a ser mantida. Hoje, o que havia sido deixado de lado por um século teria que ser resolvido. Só existia uma possibilidade de sair da confusão: dividir a terra e providenciar títulos definitivos. Depois de longa procura, ele tinha conseguido achar um agrimensor para fazer a medição e a partilha da propriedade, recebendo o seu pagamento em terras. E sua mão direita passou num repente por baixo do nariz de Klaus.

“Aqui, o doutor Klaus Krott está disposto a fazer a medição.”

Krott fez o melhor que pôde, levantou-se e fez reverências para todos os lados. Depois, o tabelião assumiu a palavra. Leu o nome das 32 famílias com direito à propriedade. Nem todos os Monteiro podiam ser distinguidos pelo primeiro nome. Foi necessário adicionar números aos três Chicos. Formalmente havia 40.504 hectares para repartir. O agrimensor receberia uma légua quadrada, cada família teria, portanto, direito a 1.250 hectares de campanha.

Maneco Monteiro veio para frente.

“O agrimensor recebe uma légua quadrada! Quase quatro vezes o que nós vamos receber! Não estou de acordo. Se o agrimensor não fizer um preço menor ele pode voltar para o lugar de onde veio.”

As palavras de Maneco foram seguidas de um silêncio embaraçador. Dele deduzia-se uma clara concordância com as palavras de Maneco. Pensativo, Krott fumou o cigarro de palha de milho, percorrendo com o olhar todo o grupo. Em todos os rostos havia uma nítida recusa. Que peso representava uma propriedade quatro vezes maior. Não, ninguém estava de acordo com isso. Os olhos de Krott cruzaram-se com os de Inês, que estava entre as meninas. O olhar que dirigia ao agrimensor, em quem se fixavam todos os outros olhares, era ao mesmo tempo interrogativo e esperançoso.

Ontem à noite, as meninas dos Monteiro tinham gracejado com ela sobre o alemão, que chegara à sua casa como caído do céu. Será que ele lhe agradava, será que gostaria de tê-lo como marido. Ela já tinha 21 anos, mais do que tempo de jogar o laço do casamento. Ela tinha recusado o Ricardo e o Teodoro, e o Affonso, o filho do Maneco, também não parecia ter perspectivas. Lissia, esposa de Salvador já estava casada há quatro anos. Será que queria morrer solteira? Sim, era isso que queria, respondeu, um tanto irritada.

Krott entendia a resistência a darem-lhe o quádruplo da terra, que cada um receberia. Se insistisse, então, a medição não seria feita. Isso era certo. Os rostos sombrios dos homens não deixavam dúvida a respeito. Ele mesmo achava a compensação bastante elevada, e essa impressão tinha sido reforçada pelo conhecimento da terra. A terra era boa. Em todos os lugares havia bons trechos de capim forrageiro. Krott escreveu alguns números em seu caderno de anotações. Depois, comunicou a Salvador que se daria por

satisfeito tendo como pagamento um pedaço de terra igual ao que cada família receberia. A propriedade seria dividida em 33 partes iguais, descontada a parcela de 272 hectares a que tinha direito Inês Beckmann. Cada família receberia mais 60 hectares, portanto, 1.320 hectares. Acreditava que ninguém poderia considerar sua proposta injusta. Pretendia criar gado na parcela que lhe coubesse. Satisfeito, Salvador apertou a mão de Krott. O tabelião acenou-lhe.

“Agora sim!”

O tabelião conhecia seus gaúchos. Seguiu-se consenso geral às palavras de Salvador. Não havia mais nada a objetar. Para criar gado eram necessários 1.000 hectares. Salvador precisou elevar a voz até reinar silêncio e, então, pôde citar as demais cláusulas do contrato.

Ficou combinado que Krott teria moradia e pensão na casa de Luiz Monteiro e as demais famílias forneceria sucessivamente os trabalhadores.

O tabelião preparou o contrato, Luiz Monteiro assinou em primeiro lugar sobre os selos, depois, Klaus Krott, e Salvador Leite assinou pelos demais Monteiro que não sabiam ler.

Então, Luiz Monteiro mandou trazer o barril de vinho que tinha comprado para o caso de se chegar a um acordo. O vinho cor de sangue foi vertido espumando nos copos de chifre. Klaus percebeu logo que deveria tomar cuidado com os brindes. Cada um queria que esvaziasse o copo até o fim. Uma sorte ter comido muito churrasco. Quando o sol se pôs com um flamejante jogo de cores, os últimos hóspedes subiram em suas montarias.

“O primeiro passo foi dado,” disse Salvador muito sério, esforçando-se por manter o equilíbrio.

“Agora doutor, depende do senhor levar o projeto a um bom fim.” Pegou Krott pelo braço e dirigiu-se a casa. As meninas já estavam ocupadas em servir o jantar. Tinha sido um dia e tanto. Excitadas, andavam de um lado para outro, juntavam sempre de novo as cabeças, para trocar idéias sobre a reunião.

No outro dia, Salvador iniciou a viagem de volta. Sua tentativa de levar Inês consigo não deu certo, pois tinham um hóspede em casa e mais trabalho.

Klaus Krott ganharia sua terra honestamente. Porém, já na medida da propriedade surgiram dificuldades em cima de dificuldades. Desde logo se percebeu que nem os Monteiro, nem os vizinhos, se tinham atido aos limites marcados, aliás, de maneira pouco clara. Antes de começar, Krott teve que viajar a Porto Alegre, e procurar nos arquivos do governo os títulos originais de concessão. Um trabalho cansativo que, além disso, envolvia muitos custos. Verificou-se também que muitos vizinhos haviam construído suas casa em terras que pertenciam, sem dúvida, aos Monteiro. Foram necessárias longas conversações até chegar-se a um acordo. A esperança de Krott em terminar a medição ainda antes do início do inverno mostrou-se ilusória. Mal haviam sido colocados os primeiros marcos de pedra, assinalando os limites da propriedade, o inverno entrou com chuvas e o gelado minuído. A medição precisou ser interrompida.

Apesar de Krott montar diariamente a cavalo, para conhecer bem a campanha, e apesar de treinar-se no uso do laço, assim mesmo, sobrevieram dias que o aprisionaram em casa. Tinham-lhe dado um confortável quarto de canto, do lado norte, que tinha até uma janela de vidro, um luxo na campanha. Entretanto, o não fazer nada logo se tornou um tormento para Krott. Não havia nada para ler, jornais não chegavam até lá. O que se passava no mundo lá fora não interessava a ninguém aqui. Tinham suas próprias preocupações e estas lhes bastavam. Que o resto do mundo resolvesse as suas. De algum modo, Krott precisava fugir do tédio. Teve, então, a idéia de sugerir a Luiz Monteiro aulas para as crianças. Luiz aceitou a sugestão com entusiasmo. Nenhuma das

crianças havia freqüentado a escola, pois na vasta região não existia nenhuma. E para mandar as crianças a uma escola de freiras faltavam os meios.

Carlos e Pedrinho foram enviados à vila da comarca. Depois de três dias, voltaram com uma dúzia de lousas negras, de cartilhas, o mesmo número, um pacote de lápis, cadernos, canetas, tintas e penas, tudo trocado por um boi.

Aí, percebeu-se que todas as crianças, isto é, também as mais crescidas, queriam participar das aulas. E, assim, Klaus dava lições aos menores na parte da manhã, e aos mais velhos à tarde. Todos aprendendo o ABC. À noite, quando todos se reuniam ao lado do fogão, Klaus dava aulas de aritmética. Sua máquina de calcular era uma armação de bambu. Nela, tinha pendurado fileiras de 10 espigas de milho. As amarelas representavam os números pares, as preto-avermelhadas os números ímpares. Dessas aulas participavam também Luiz e sua mulher. Nada provocava maior alegria nas crianças do que o descobrirem a resposta certa antes dos pais, ou quando estes davam uma resposta errada. Tal exposição não contribuía para o reforço da autoridade dos progenitores. Por isso, eles logo deixaram de participar ativamente, limitando-se ao papel de espectadores interessados. Muito certo. O que Joãozinho não aprende, João jamais aprenderá.

Em geral, as aulas iam até que Inês, atendendo a um sinal de Luiz, acendesse as velas diante da imagem de Maria e as crianças se ajoelhassem para a oração comum da noite, rezada pelo pai.

A timidez inicial das crianças diante de Klaus tinha desaparecido por completo. Bem à vontade, a pequena Marietta, de dois anos, subia ao colo de Klaus e exigia energicamente ser embalada. Inês desenvolveu um zelo quase fanático para o estudo, depois de Klaus lhe ter contado que, na Alemanha, as crianças tinham que freqüentar a escola por pelo menos oito anos. E não bastava saber ler, escrever e contar, havia muito mais para aprender. Quando ele, certa vez, elogiou seu progresso, diante do qual os outros tinham ficado muito para trás, um tom rosado tomou-lhe conta do rosto e um sorriso de satisfação assomou-lhe à boca bem formada. Um dia, durante a aula, chegou hesitante, os olhos abaixados e aproximou-se com o pedido de que também queria aprender alemão. Klaus refletiu. Falar, sim isso seria possível, mas ler e escrever e também na língua da terra, era um pouco demais. Inês tinha uma memória extraordinária. Palavras usadas uma vez fixavam-se, definitivas, em sua cabeça. Só o gênero neutro lhe causava algum embaraço, como aliás a todos os aprendizes estrangeiros do alemão. A cavalo, o criança e o vaca. Tinha de se conformar, por enquanto, com artigos não adequados.

O inverno foi chuvoso como nunca. Largos trechos da campanha ficaram cobertos por uma lâmina de água da altura de um pé. Os rebanhos procuravam os pontos mais altos à procura de alimento. Em alguns trechos mais baixos, a altura da água obrigava os animais a atravessá-los a nado. Perderam-se bezerros, quando os rebanhos não foram tocados a tempo para pastos mais elevados.

Era impensável uma retomada da medição. Mas as aulas não deixavam Klaus sentir tédio e, além disso, davam-lhe a satisfação de estar pagando a comida.

Ultimamente, Affonso Monteiro fazia-se presente muitas vezes, à noite. Fazia de conta que também se interessava pelo ensino da aritmética. Mas era evidente que vinha para conversar com Inês. Além de um cumprimento breve, ela, porém, não lhe concedia uma palavra, só tinha olhos e ouvidos para Klaus que, essa noite, com o auxílio de uma abóbora pretendia explicar o cálculo de frações.

O longo facão cortou-a em dois. Meio... “halb”, a metade, “Hälfte”. Mais um corte: um quarto, “ein Viertel”. Um quarto é, por sua vez, cortado: um oitavo, “ein Achtel”. As designações em alemão destinavam-se a Inês. A abóbora é reconstituída, o jogo de

perguntas e respostas começa. Fervendo internamente devido à falta de atenção de Inês, Affonso retira-se aborrecido para um canto. Nos olhos que vão ora para Inês, ora para Klaus, há um brilho perigoso. Se olhos matassem, Klaus certamente não estaria mais vivo. Apesar de ninguém o convidar, Affonso chega noite após noite e só se vai embora quando Luiz dá o sinal para a oração noturna.

Finalmente, chegou o tempo em que Klaus pôde retomar a medição. A campanha florescia com o verde renovado e oferecia farta alimentação aos rebanhos. Nos meses de inverno, em que achavam apenas o sustento mínimo, os animais haviam perdido muito peso. Agora, os flancos se arredondavam de novo. O pêlo se tornava liso e brilhante.

Klaus logo teve que abandonar seu plano original de dividir a propriedade como se fosse um tabuleiro de xadrez. Por essa divisão duas ou três famílias ficariam em um lote, de modo que duas teriam que abandonar seu lar de até então, e construir uma nova casa em outro lote. Eles defendiam-se com unhas e dentes de tal proposta. Krott tinha que encontrar outra solução; foi mesmo necessário mudar a forma de divisão. Uma vez, era porque o rebanho tinha que andar horas a fio até o riacho que ficava na fronteira. O vizinho, ao contrário, dispunha de dois riachos com muita água. Às vezes, Klaus desanimava em achar uma solução satisfatória. A isso somava-se a teimosia de alguns Monteiro. O pior cabeçudo era Maneco. Os 270 hectares de Inês formavam um enclave em sua propriedade. Maneco não tolerava o enclave. Mas Luiz insistia nisso. O terreno estava demarcado e os limites marcados com montes de pedras. Inês tinha um direito indiscutível à propriedade comprada por seu pai. Hoje, Klaus tinha ido mais uma vez até lá para fazer Maneco mudar de idéia. Inutilmente...

Na volta para casa, Klaus quebrara a cabeça pensando em como superar essa última dificuldade na divisão. Só se Inês estivesse de acordo em ficar com uma gleba em outro local.

Será que a pequena Inês faria isso... Se ele pedisse... Ele sempre tinha a impressão que os dois estavam envoltos em um mistério, que os unia e que não tinha explicação.

Seria o amor? Como se dizia mesmo?

Alegria do céu, dizem, os anjos;
Sofrimento do inferno, os diabos.
Amor, dizem os homens.

Amor... Seria amor, o que sentia pela órfã, que aqui havia encontrado um lar em circunstâncias tão trágicas? Inês demonstrava um cuidado maternal com seu bem-estar. Em que ordem exemplar sempre encontrava o quarto. Com que cuidado remendava sua roupa. Agora, que havia flores, encontrava sempre um ramo sobre sua mesa. Algumas vezes, eram rosas de suave perfume, outras vezes, as flores do gengibre que floresciam junto ao riacho com fragrância carregada. Só sabia que lhe queria bem de todo coração. “Quero tratá-la com carinho, nunca perguntar por outra – Klaus, meu amigo, você está maluco.” Interrompeu seu monólogo. “O que faz você cantar a canção da princesa dos dólares, que você, no campo de prisioneiros inglês, cantou no papel de tenor... Algo não está certo com você. Você está apaixonado ou doido...” Klaus estava confuso quanto aos sentimentos e deixou-os rolar, cantando.

Menina , fica comigo,
Meu coração contigo já está
Se a paz chegar,
Então volto ao lar.

A Stolzenfels no Reno.

Klaus deu um tapa na boca. Não sabia cantar algo melhor, do que essa cançãozinha melosa, que tantas vezes, durante a guerra, havia entoado a pedido do batalhão junto ao fogo do acampamento?

Voa, voa, andorinha minha,
Serás minha mensageira,
Voa sobre montes e vales,
Meu amor saúda mil vezes.

Com certeza, Klaus teria cantado mais mil vezes, a voz forte ressoando pela campanha, se o seu cavalo não tivesse parado de repente. A senhora andorinha não teve que voar longe, aquela a quem se destinava a canção, estava parada junto ao caminho. Klaus teve imediatamente a impressão que ela esperava por ele. Algo não estava bem. Seu rosto tinha uma expressão preocupada. Os olhos estavam vermelhos como se tivesse chorado. Klaus saltou do cavalo e conduziu-o pela rédea.

“Senhorita Inês, está esperando por mim?”

A explicação veio rápida. Hoje de manhã, ao arrumar o quarto de Klaus, ela havia examinado o mapa fixado sobre a mesa de desenho. E aí tinha acontecido um acidente, ela havia derrubado o vidrinho com a tinta nanquim. A tinta havia escorrido numa faixa larga sobre o mapa. Ela havia tentado limpar o mapa com um pano, mas não tinha adiantado. Quando terminou de falar, os olhos de Inês estavam cheios de lágrimas.

Klaus teve vontade de enxugá-las com beijos. Mas conteve-se. Em que situação ficaria Inês se alguém testemunhasse seu gesto.

“Se é só isso, não há necessidade de chorar. De qualquer forma, preciso desenhar novamente o mapa...”

“Mas isso vai lhe dar muito trabalho, doutor. O senhor disse uma vez que este era o mapa básico. Dele seriam tiradas as cópias.”

“Falei...? Pode ser. Mas a culpa é também minha. Porque deixei o vidro de tinta aberto. A culpa é toda minha.”

“Isso é só modo de falar... Eu devia ter tido mais cuidado. Tio Luiz já me repreendeu. Já me meteu medo, dizendo que o senhor vai brigar comigo.”

Klaus sorriu.

“Tem razão o tio Luiz. Tem que haver castigo. A partir de hoje não vai mais me chamar de doutor, mas sim de Klaus!”

As lágrimas de Inês secaram.

“Klaus...?”

“Sim, é assim que me chamo. Minha mãe ainda lhe acrescentou um outro nome. Klaus, o vomitório!”

“Klaus, a vomitório! Mas por quê?”

“É. Klaus, o vomitório, senhorita Inês. Assim são as mães. Se precisamos vomitar, ou dito de maneira mais elegante, expelir o alimento, o mais fácil é enfiar o dedo na garganta. Minha mãe sempre dizia que isso não era necessário, bastava olhar para mim e já tinha vontade de vomitar. Um exagero maternal, pois eu não era nenhum modelo de criança. Eu não a levava a mal. Tenho que dar-lhe razão: voltava para casa, com as calças rasgadas, sujo que nem um porco, a cabeça cheia de galos. Quem se bate pela rua bem pode cair num monte de bosta de cavalo e não trazer bons aromas para casa.”

Inês olhou Klaus de lado. Toda preocupação tinha deixado seu rosto.

“O senhor fazia isso, senhor Klaus?”

“Isso soa bem melhor do que o pomposo doutor que, aliás, não sou. Foi Salvador que me deu o título. Esses subdelegados transformam, sem muita preocupação, simples mortais em doutores. Sim, não posso negar, fui um moleque danado. Que posso fazer, se não fui um menino exemplar, pendurado na saia da mãe. Esses também não vêm ter ao Brasil. Ficam na sua terra, vivem com honradez, como tão bem se diz. Eu gostaria de saber quem foi o idiota que inventou essa palavra que os meninos exemplares sempre repetem, sem saber o que falam. Eles não vão ao exterior para fazer conquistas. Sua ambição só alcança um cargo público. Sentem-se muito importantes. À noite, reúnem-se no bar, levantam o copo, falam sobre a pátria e a liberdade, soltam as maiores bobagens sobre Deus e o mundo. Com quarenta anos já têm barriga, o coração vai mal, têm falta de ar. Quer um marido assim?”

Inês riu. Klaus nunca tinha falado assim com ela.

“Um homem... como você disse?”

“Um barrigudo - com uma pança.”

“Não, obrigada. Um homem como o turco que passou aqui na semana passada!”

Andando lado a lado, tinha alcançado o pátio. Luiz Monteiro estava sentado diante da porta e trançava um laço de crina de cavalo.

“Então, Inês já confessou. Uma bela história que a menina arrumou.”

“Não faz mal, o mapa é mesmo provisório.”

“Fico contente. Pensei que tivesse de refazer todo o trabalho.”

“Não, não... mesmo que o mapa tivesse sido queimado, sempre poderia fazer outro, olhando as anotações da caderneta de campo.”

“O senhor se entendeu com o Maneco, doutor?”

“A conversa toda foi inútil. Ele não quer o enclave em suas terras.”

“Ele faz isso de birra. Um cabeçudo. Todos chegaram a um acordo para resolver o assunto. E agora? Tudo perdido por causa do cabeçudo?”

“A única possibilidade é se Inês concordar em aceitar um lote em outro local.”

Luiz olhou primeiro para Klaus e, depois, para Inês.

“Eu não a obrigo a aceitar. Se você estiver de acordo, tudo bem.”

“É claro que estou de acordo, tio.”

“Ótimo, então já vou fazer o registro no mapa...”

Klaus entregou as rédeas do cavalo a Silvino.

“Você já pode tirar a sela, só andei a passo.”

Inês olhou preocupada para o rosto de Klaus, quando este se debruçou sobre o mapa.

“Veja, senhorita Inês. Posso destinar-lhe um lote aqui perto do limite oriental. Quase um quadrado.”

O dedo de Klaus correu para o outro lado do mapa.

“E também aqui no 33, que vai ser meu lote. Entretanto, é um lote comprido e estreito.”

Sem refletir mais, Inês apontou para o 33.

“Então, fico com esse lote.”

“Ótimo, já vou marcar sua propriedade.”

Klaus marcou alguns pontos no papel milimétrico que, depois, ligou com a régua, formando um quadrado.

“Esse é, portanto, seu lote, 280 hectares. Você ainda ganhou 8 hectares na troca. Não é muito, mas vale a pena. Eu lhe agradeço senhorita Inês, tirou uma pedra do meu coração.”

Apontou para a faixa de tinta no mapa.

“Agora estamos quites.”

Os chefes de família reunidos no domingo declararam-se de acordo com a divisão da propriedade. Reconheceram que Klaus havia feito um grande esforço para contentar a

todos. Ninguém teve que abandonar sua casa, ainda que não ficasse localizada no centro do terreno como seria desejável. Agora todo proprietário deveria respeitar os seus limites ao levar o rebanho ao pasto, não havia mais razão para brigas. Decidiu-se que os marcos provisórios seriam substituídos pelos definitivos de pedra bruta. O trabalho levaria cerca de três meses. O tabelião comunicou que viria no começo do ano para entregar os títulos de propriedade. Todos consideraram isto um evento digno de ser festejado com um churrasco e um baile. Um convite foi enviado ao subdelegado para que viesse para a festa com sua mulher.

Teria sido fácil a Klaus vender seu lote. De todos os lados vinham ofertas claras ou implícitas. Com quatro, cinco contos, seu trabalho estaria bem pago, diziam alguns espertalhões. Klaus não pensava nisso, e manteve sua disposição, publicamente anunciada, de criar gado em suas terras. Uma estância, como se denominava na região fronteira, onde circulavam muitas expressões do castelhano.

Logo começou a tomar providências para construir uma casa. Deveria ficar encostada em um morro nas proximidades de uma fonte. A total falta de madeira na campanha obrigava ao uso de pedras brutas. Uma casa de madeira podia ser erguida com mais rapidez, não tinha, porém, a durabilidade de uma casa de pedra. Contudo, ainda haveria de decorrer um bom espaço de tempo até que Klaus terminasse a construção, dependente de suas forças apenas.

Foi bom Luiz cooperar com uma idéia. Ele convenceu as famílias a ajudar Klaus na construção da casa. Em troca, deveria dar aula a todas as crianças por seis meses. Klaus organizou duas escolas onde dava lições, uma vez de manhã, outra à tarde. Em compensação, sua casa ficaria pronta até o Natal.

Faltavam poucos dias para o domingo em que seria realizada a festa. Já há semanas as famílias faziam os preparativos. Nenhuma queria ficar atrás da outra, sobretudo, no que se referia às vestes das mulheres. Gado era trocado por tecidos. As máquinas de costura manuais trabalhavam sem parar.

Inês tinha prendido os bezerros das vacas leiteiras ao tronco da mangueira. Entretanto, a noite chegara. Assustou-se, quando Affonso, como que brotando do solo, surgiu à sua frente. Queria passar por ele com um cumprimento rápido. Mas ele postou-se à sua frente, impedindo o caminho.

“Que quer dizer isto”, perguntou, tranqüila por fora, contudo preocupada com o brilho nos olhos de Affonso, que recomendava cuidado.

“Você não precisa ter medo. Mas quero dizer-lhe uma coisa, não se atreva a dançar com o alemão na festa!”

Ele tentou segurar-lhe o braço, porém, Inês libertou-se com gesto hábil e rápido.

“Não se atreva a tocar-me. Você não tem que me dar ordens. Danço com quem eu quiser. E não danço com você, fique sabendo.”

“Você vai ver. Só digo uma coisa: dance uma só dança com ele e você vai ver o que acontece.”

“É bom saber. Mas não pense que você me intimida. Vou contar ao tio Luiz que você pretende estragar a festa.”

Affonso mordeu o lábio até sangrar.

“Se você fizer isso, então... Você pensa que ninguém sabe que você se insinua para o agrimensur. Que ninguém vê como você, com seus cadernos, se senta à mesa junto dele e como vocês encostam as cabeças! Quem sabe o que acontece, depois, no seu quarto...”

Affonso não completara a frase, uma bofetada atingiu-o no meio do rosto.

“Você vai me pagar por isso.”

Tentou alcançar a fugitiva. Mas a proximidade da casa impediu-o de continuar a perseguição.

“Ouça, não você, o outro vai pagar. Sei como atingir você melhor.”

Inês parou pouco antes da casa. E se contasse ao tio Luiz o que acontecera com Affonso? Mas logo descartou a idéia. Ele talvez fizesse perguntas, a que ela não saberia responder, pelo menos, não hoje. Contudo, tinha que prevenir Klaus, para ele se precaver contra Affonso.

No seu quarto ainda não havia luz, ele não tinha voltado. Cada vez mais preocupada, ela movimentava-se pela cozinha. Procurava ouvir o barulho de cascos. Os cachorros começaram a latir. Com uma desculpa, Inês deixou a cozinha. Antes que pusesse o pé no chão, Klaus viu Inês a seu lado. Atropelando as palavras, pediu-lhe que ficasse prevenido contra Affonso. Inês relatou brevemente o encontro, as ameaças por ele proferidas. Klaus segurou-lhe a mão.

“É assim? Então, o melhor é acertar logo as coisas.”

Inês não o impediu, quando ele a enlaçou com o braço.

“Veja Inezita... terra eu tenho. Uma casa também, apesar de faltar muita coisa lá dentro. Mas isso se arranja. Quando terei o principal, a mulher que, lá dentro, assuma o comando? Você quer ser essa mulher, mocinha?”

Depois, Inês não se lembrava de como seus braços haviam ficado em torno do pescoço de Klaus, como ela se deixara beijar, e como se beijaram e beijaram.

Depois do jantar, Klaus pediu para falar com Luiz Monteiro. A conversa não durou muito. Luiz estava de pleno acordo com o pedido de Klaus. Inês receberia o mesmo enxoval que havia dado a suas duas filhas casadas. Não seria muita coisa, pois tinha muitos filhos.

Salvador Leite tinha chegado com sua mulher para a festa. Afirmava sempre que, a rigor, “se tudo agora estava em ordem, se reinava a paz”, somente a ele deviam agradecer. “Se ele não tivesse encontrado o agrimensor...”

Após o pagamento dos tributos, o tabelião entregou a cada proprietário seu título de propriedade. Desejava o tabelião que todo ano acontecesse uma dessas medições. Foi uma bela soma que juntou em suas mãos. Por último, foram chamados Klaus Krott e Inês Beckmann, que receberam um único título. O tabelião esclareceu que os dois pensavam casar-se em breve, e que os proclamas já tinham sido feitos. Klaus viu-se, então, rodeado pelos homens, que o abraçavam e lhe davam os parabéns, enquanto Inês recebia os parabéns das mulheres e das meninas. Ninguém reparou no cavaleiro que se afastou rapidamente. Era Affonso.

Depois do churrasco, tocou-se samba ao som de gaitas, e homens e mulheres formaram uma grande roda na sala livre de móveis. Conduzido por Luiz e pelo subdelegado, Klaus foi para o meio da roda, enquanto do outro lado as mulheres de Luiz e de Salvador introduziam Inês, em trajes de festa, na roda. Sob os aplausos dos presentes, o casal dançou as três rodas de honra e, depois, viu-se cercado pelos demais casais que dançavam. Logo, estabeleceu-se uma grande animação, que parecia quebrar o invólucro de mutismo, de laconismo e de aspereza do habitante da campanha e mostrar sua verdadeira natureza.

A vida na campanha ensina os homens a serem duros. Mesmo que seja um suposto direito, a todo o momento, estão prontos a defendê-lo, ou a vingar, com a arma, uma injustiça sofrida. Na amizade são dedicados até o sacrifício, mas na inimizade seu ódio só conhece um objetivo: a aniquilação do opositor. No momento apropriado, a faca sai rápida da bainha, uma facada bem dirigida e a vingança cumpre-se. O atacante monta o cavalo e, depois de anos, quando a grama cresceu sobre o túmulo da vítima, ele volta. Mas, ai dele, se a vítima tinha um amigo dedicado. Sem mais, ele se vê diante do cano de um revólver e, antes de poder puxar a arma, cai mortalmente ferido do cavalo.

Na casa preparava-se o jantar. Só as famílias que moravam nas proximidades tinham ficado. Klaus tinha permutado um cavalo com Antonio Monteiro. Em troca de uma compensação, tinha ficado com seu marchador. Antonio entregara o marchador a Klaus. Este levava-o para a cocheira, onde estavam as demais montarias que eram usadas a todo momento.

Saindo da órbita clara da casa, Klaus viu uma sombra ao seu lado. No mesmo instante, sentiu uma dor forte na face esquerda, um empurrão no ombro, que quase o jogou ao chão. Na penumbra, reconheceu o rosto de Affonso transtornado pelo ódio. Mas, antes que pudesse dar um novo golpe, Klaus se jogou sobre ele e, com as duas mãos, agarrou-lhe o pescoço. Foi uma luta de vida ou morte. Affonso procurava inutilmente libertar-se. Deixou cair a faca. Porém, Klaus sentiu que estava no fim de suas forças. Chamou por socorro.

A ruidosa conversação na casa terminou de repente. Homens correram. O subdelegado foi o primeiro a alcançar Klaus. Com um olhar, compreendeu a situação. O punho de seu chicote, que nunca abandonava, desceu sobre a cabeça de Affonso. Com um estertor, Affonso foi ao chão, arrastando Klaus consigo, que também perdeu a consciência.

Ao acordar, Klaus estava deitado em sua cama. Debruçada sobre ele com o rosto triste, estava Inês. Pediu-lhe que ficasse bem quieto, que não falasse. Já tinham ido à procura do velho Guilherme, ele chegaria logo. O velho Guilherme sabia tratar feridas, suas ervas tinham-lhe assegurado renome.

Guilherme explicou que as feridas de Klaus não eram mortais. Pediu alguns fios de crina de cavalo, colocou-os por algum tempo na aguardente e, com eles, costurou as feridas abertas. Klaus gemeu durante o procedimento. Como a faca havia resvalado na clavícula, o pulmão não havia sido atingido. Era um ferimento muscular, que se estendia até o mamilo. Guilherme cobriu a ferida com uma mistura de ervas e, depois, deu-lhe a beber aguardente até entrar em sono profundo. Inês ficou ao lado de sua cama e não tirou os olhos dele.

Klaus acordou na manhã seguinte, muito tarde, de cabeça razoavelmente lúcida. Inês sorriu-lhe com o rosto cansado. Klaus pediu água. O sabor estranho da aguardente incomodava-o. Depois, tomou leite quente às colheradas. Guilherme renovou a atadura e deu-se por satisfeito com o aspecto da ferida.

Salvador era o representante absoluto da autoridade, quando perguntou a Klaus, se devia levar Affonso ao tribunal para ser julgado. Ele tinha sido preso em flagrante e estava agora no porão, amarrado com um laço. Se Klaus desistisse do processo, Maneco, o pai de Affonso estava disposto a pagar-lhe uma boa indenização em gado. O Affonso seria mandado para a casa de parentes no Uruguai, com a condição de não retornar antes de cinco anos. Klaus deveria decidir.

Este, no entanto, não queria saber de indenização ou de um envio de Affonso para o Uruguai. Ele acreditava na palavra de Salvador, que Affonso teria agido por ciúme. Seu motivo não fora vil. Se Affonso lhe garantisse, diante de testemunhas, que nunca mais atentaria contra sua vida ou seus bens, o assunto estaria encerrado.

“E você vai se dar por satisfeito com isso?” O subdelegado não entendia Klaus. Maneco queria dar-lhe a metade do rebanho, só para seu filho não ser preso.

“E se o Affonso não cumprir a palavra? E então?”

“Diga-lhe que confio na palavra de um gaúcho.”

O subdelegado Salvador cumpriu sua tarefa com cuidado e rigor. Affonso assinou a ata, em que cinco testemunhas confirmavam que ele havia assaltado Klaus e atentado contra sua vida por ciúme. Ele prometia que nunca mais tentaria algo contra Krott. Depois, Salvador tirou-lhe as algemas. No mesmo dia, desapareceu da região e foi por sua

própria vontade para o Uruguai. A generosidade de seu bem-sucedido rival foi para ele tão deprimente, que nunca mais quis vê-lo.

Três meses depois do acontecido, Klaus e Inês festejaram seu casamento. Os Monteiro tinham resolvido entre si que, para facilitar o começo de vida do jovem casal, cada família daria de presente uma vaca prenhe ou uma vaca com bezerro. Que não se tratasse dos animais mais novos era perdoável. E, assim, no dia do casamento foram reunidas 32 vacas com seus bezerros. Maneco ainda lhes deu um potro de mula e uma égua prenhe. Foi a paga silenciosa de uma indenização. Como tudo foi dado espontaneamente, Klaus não recusou os presentes. E com essa companhia o jovem casal deu entrada em seu lar...